

Renata Meirelles é educadora e há quase 20 anos viaja pelo país estudando a infância brasileira. Junto com o documentarista **David Reeks**, percorreu as cinco regiões do Brasil para pesquisar e difundir a cultura infantil brasileira.

Como um brinquedo pode se transformar em um recurso pedagógico?

O intuito dessa exposição não é olhar para o brinquedo como um recurso pedagógico, mas criar uma ambiência de aprofundamento nas dimensões mais internas do brincar, que é a experiência imaginária da criança.

O recorte curatorial tem como ponto de partida a tentativa de afirmação do olhar da criança e seu uso sobre os brinquedos. Trabalhamos a ideia do brinquedo não como suporte de uma cultura, ou seja, o que a cultura oferece para a criança, mas primordialmente sobre o que a criança oferece para a cultura e como acontece a apropriação que as crianças fazem do brinquedo.

As escolas deveriam ter mais espaços lúdicos e os alunos mais tempo para brincar?

Atualmente, a escola, principalmente em grandes centros urbanos, é o espaço primordial de interações entre crianças. Portanto, é onde elas encontram seus grupos para brincar. Confiarmos na brincadeira como um excelente canal de transmissão de saberes, de oportunidade de viver experiências das mais diversas, de intensas explorações criativas, ou de um espaço do “fazer junto” compartilhado entre as mais diversas faixas etárias, já seria o suficiente para ampliarmos os tempos e espaços do brincar nas escolas desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

As experiências lúdicas pressupõem a não obrigatoriedade, a liberdade de expressão de seus desejos, a necessidade de tempos alongados e não fragmentados, o convívio espontâneo entre pessoas, objetos e equipamentos que não imprimam uma resposta única preestabelecida, enfim, um desafio interessante para a escola atual.

Como surgiu a ideia de mapear como se brinca em todos os cantos do País?

Desde 1994 venho me aproximando e me encantando com a cultura da infância. Logo que iniciei as pesquisas e registros de brinquedos e brincadeiras infantis, percebi uma distância muito grande entre o que as crianças faziam em seus momentos espontâneos e o que os adultos, de um modo geral, diziam que elas faziam. Percebi também que havia um diálogo intenso entre crianças das mais diversas realidades, quando entram em contato com brincadeiras de outras regiões. Assim, resolvi me aprofundar nos saberes infantis e difundi-los através de produtos culturais, cursos e palestras, devolvendo o que eu via e escutava entre os grupos infantis, com o objetivo de aproximar realidades e criar um diálogo entre os mais diversos povos e regiões através de seus gestos genuínos do brincar.

Em 2000 conheci o David Reeks, e juntos criamos o Projeto BIRA – Brincadeiras Infantis da Região Amazônica. Ficamos quase um ano percorrendo por dezesseis comunidades indígenas e ribeirinhas dos Estados do AM, PA, AP, RR e AC, registrando em filmes, fotos e textos o que encontrávamos da cultura infantil por lá (www.projetobira.com). O David como documentarista e eu fazendo fotos, textos e formação para educadores locais. Nesse projeto nasceu nossa parceria e o nosso casamento.

Desde então seguimos fazendo filmes de curta-metragem, livros, tese de mestrado, exposições, e tivemos dois filhos. Quando percebemos que os nossos filhos estavam em idade suficiente para nos acompanhar em trabalhos de pesquisa de campo (4 anos e 2 anos) vimos que era hora de partir novamente. Então criamos o Projeto Território do Brincar.

Estamos com esse Projeto oferecendo um diálogo de troca de saberes com seis escolas parceiras, onde a equipe do

Território do Brincar relata suas experiências em campo e propõe reflexões de temas que acontecem fora da escola. Em encontros mensais via Skype com cada escola parceira, nos propomos a discutir sobre como esses aspectos culturais refletem no olhar e na prática do educador. O que estão nos dizendo as crianças brasileiras? O que essas vozes infantis repercutem em cada educador? Como podemos aprender sobre a criança através de seus gestos mais genuínos do brincar?

Assim, nosso objetivo é ouvir a criança e conhecer o Brasil através de seus olhos. Realizar um registro minucioso e sensível com textos, fotos e filmes e divulgá-lo para as escolas parceiras (através de reuniões mensais de Skype) e para o público em geral (através do nosso site e do nosso fórum de discussão), estabelecendo um diálogo sobre esse olhar para a essência da infância.

As crianças das metrópoles brincam menos do que as do interior do Brasil?

Sim, há diferenças e semelhanças entre o brincar nas mais diversas realidades. No que se refere às semelhanças do brincar, estamos percebendo que as brincadeiras se repetem, como se existissem certos “temas” que precisam ser vividos pelas crianças, e a elas cabe tentar achar a melhor forma de experimentá-los, dependendo de aspectos culturais que as rondam.

Brincar de casinha, usar arminhas para caçadas de “guerreiro”, construir carrinhos e barcos, se esconder e ser achado, todo um repertório de brincadeiras tradicionais como pular elástico, corda, amarelinha, 5 Marias, pião, pipa, bolinha de gude etc., isso se encontra de norte a sul do Brasil.

Por outro lado, temos notado que a geografia de cada região é, por exemplo, um fator que contribui para diferenciar maneiras no brincar das crianças. Morar no litoral, em região serrana, na Floresta Amazônica, no mangue ou em uma região árida, provoca gestos e ações diferentes no brincar, que comungados com a cultura de cada povo, ampliam ainda mais essas diferenciações. A floresta pede grandes desafios corporais, o mangue é espaço de descobertas profundas, a aridez gera silêncio, e assim por diante. Sutilezas que se percebem no gesto da criança. Lembrando, é claro, que não existem generalizações.

Quem oferece tempo, semeia isso nas crianças, e estas, por sua vez, retribuem na mesma moeda. Ou seja, de um modo geral, crianças que não estão recebendo uma carga intensa de propostas e deveres, sejam institucionais ou não, e usufruem da liberdade do ócio, tendem a viver tempos alongados, passam horas na mesma atividade, e permanecem ativos no seu fazer até finalizarem o que se propuseram.

Fazer um barquinho de madeira de timbaúba, por exemplo, demora quase um mês todo.

Primeiro, é preciso ir buscar a madeira certa, deixá-la secar por semanas. Depois, ir trabalhando nela dia após dia, até que seque e atinja o peso ideal para navegar. Aí é preciso fazer o mastro, cuidadosamente, e só então colocar o barco para navegar em regatas com os colegas. O tempo da espera, para quem vive na frente do mar, não é penoso, é parte da vida e, portanto, necessário no brincar. Da mesma forma com o espaço.

Isso, porém, não significa que crianças de grandes metrópoles não estejam tendo a chance de viver relações profundas com o uso de seu tempo e que não estejam cerceadas de espaços significativos para o brincar. Assim como não é verdade que crianças que moram em pequenas comunidades tenham todo o espaço do mundo para brincar. Os valores de cada família são definidores de espaços e tempos internos, que se sobressaem aos tempos e espaços reais.